

EVASÃO: UM ESTUDO PRELIMINAR*

Cristina Maria Loyola Miranda**

Jussara Sauthier**

RESUMO – Pesquisa qualitativa de análise de conteúdo cujo objetivo maior foi identificar causas que culminaram em evasão, que é da ordem de 30% na UFRJ. Os entrevistados eram maciçamente provenientes de escolas públicas, e com renda situada entre 1 e 5 salários mínimos. A informação acerca da profissão no 2º grau é imprecisa e quase que nula. Verificou-se que os fatores de maior incidência para o trancamento do curso foram excessiva carga horária, problemas de saúde, financeiros e familiares, rigidez disciplinar da faculdade, pouca autonomia profissional e engano na escolha da profissão. A Câmara de Orientação Acadêmica é desconhecida pela maioria, sendo o ciclo básico o período de maior ocorrência de trancamentos de matrícula.

ABSTRACT – This is a qualitative research whose principal aim was to identify reasons that culminate on evasion who is about thirty per cent at Federal University of Rio de Janeiro. We verified major incidence facts for living university caused by excessives hours classes, health financial family troubles, low professional autonomy and professional choice made as a mistake.

1 INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior de Enfermagem (IESE) da Região Sudeste apresentam um índice de evasão da ordem de 40,06%¹, o que se configura no mínimo como preocupante. Esta inquietação tem propiciado algumas discussões sobre a questão, mas a nível de UFRJ, onde esta evasão é da ordem de 30% (dado aproximado), ainda não se realizou uma investigação sistematizada que permitisse uma aproximação mais realista do problema.

Em uma análise preliminar sobre o número de estudantes que durante os anos de 1986, 1987 e 1988/I trancaram o Curso de Graduação em algum momento, independente de haverem ou não retornado, encontramos um total de 98 estudantes. Não é difícil perceber que o trancamento de matrícula numa Universidade Pública deva significar no mínimo, um momento de crise para o estudante. Crise interna ou externa à Academia, o que se evidencia é que a solução encontrada pelo estudante para superar a situação difícil é o abandono, definitivo ou não, do Curso de Graduação. Entre estes 98 estudantes que trancaram o Curso em algum momento, 66 estudantes (67%) o fizeram pela primeira vez durante o Ciclo Básico.

Estes dados, já preocupantes numa análise isolada, revestem-se de importância capital quando associados à baixa procura pelos Cursos de Enfermagem e a partir de 1988, para a EEAN, o diminuto número de estudantes aprovados pelo concurso vestibular isolado da UFRJ.

Retornando porém ao total inicial dos 98 estudantes e aprofundando um pouco a análise, verificamos que deste total, 15 não chegaram nem a cursar (15,3%), 39 trancaram até o 3º período do curso (39,8%) e 12 (12,3%) trancaram após cursar metade

do Curso de Graduação (quatro ou mais períodos), abandonando o Curso a partir deste momento. Portanto, dos 98 que trancaram o curso em algum momento 32 (32,7%) retornaram posteriormente ao Curso de Graduação e 66 não retornaram até a presente data, constituindo o que nós passaremos a considerar como grupo de evasão.

Na realidade, em nova confirmação destes 66 estudantes que haviam trancado, em nova folha de computador (mais recente, maio/88), vimos que dez estudantes haviam destrancado matrícula no 1º período de 88, portanto, o número de **grupo de evasão** no período estudado descia para 56.

SAVIANI, (1986) diz que parece que no mundo já se tornou lugar comum falar em crise, e é um dado evidente a crise na educação. Há uma tendência, no entanto, de se escamotear o fato de que a referência que está na base dessa afirmação é o mundo ocidental, são as sociedades capitalistas.

E, na realidade, o que está em crise não é a Universidade e sim o modelo de Universidade, a Universidade Tecnocrática, modelo este implantado a partir da reforma de 1968. O CRUB¹, o MEC, num certo sentido, percebem essa problemática. E tanto percebem que organizam reuniões, seminários etc., para discutir a chamada crise na Universidade, que outra coisa não é senão a crise do modelo tecnocrático o qual esgotou suas possibilidades, não resolveu os problemas que pensava resolver através dele e criou outros que precisam ser resolvidos.

Segundo NAKAMAE, “na pressa com que se procura atribuir responsabilidade pelo atual estado de coisas (que claramente têm outros componentes ameaçadores, como o achatamento dos salários, o estreitamento do mercado de trabalho e o desemprego, a invasão de sua área de competência exclusiva etc.) não ra-

* Prêmio Noracy Pedrosa Moreira – 2º lugar – 41º Congresso Brasileiro de Enfermagem – Florianópolis, SC.

** Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ.

¹ CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

ro se passa como se a responsabilidade devesse ser lançada exclusivamente sobre a própria categoria dos enfermeiros (incluídos aí os ligados à docência) e exclusivamente deles dependessem todas as soluções aos problemas do setor. Tudo se passa como se, em certo momento, algum erro de direção desviasse todos do caminho correto, há muito pré-determinado e os conduzisse por atalhos desconhecidos e ameaçadores”.

“Análises mais recentes da situação têm apontado para a necessidade e urgência de aguçar o olhar, afastar a névoa de pressuposições e preconceitos que impedem uma real visão dos impasses, incertezas e incompatibilidades que marcam as relações entre a teoria e a prática da enfermagem, bem como o seu ensino em nível superior, e proceder a uma reflexão mais aprofundada da situação, como condição preliminar – e indispensável – para que se apontem saídas para as dificuldades registradas”.

Ainda segundo SAVIANI (1986) através da departamentalização e da matrícula por disciplina, o regime de créditos, generalizou-se no ensino superior a sistemática do curso parcelado.

Foi transposto para a Universidade o mesmo princípio já utilizado nas empresas: o parcelamento do trabalho. Desvantagens apontadas:

Separação entre:

- 1) meios e objetivos;
- 2) conteúdos curriculares e sua finalidade educativa;
- 3) formas de transmissão, a produção e sistematização do saber;
- 4) o pedagógico e o científico.

Teoricamente, os meios, os conteúdos, as formas de produção e sistematização do saber, o aspecto científico, ficaram sob a jurisdição do Departamento. A cargo da Coordenação de Curso ficaram os objetivos, as finalidades, as formas de transmissão do saber, o aspecto pedagógico. Acentuou-se o divórcio entre o ensino e a pesquisa. Na prática a dependência da Coordenação de Curso em relação ao Departamento, significou, em termos de estrutura de Ensino, a subordinação dos fins aos meios.

Na raiz das distorções acima listadas está a preocupação com a racionalização dos custos.

Pedagogicamente, as medidas referidas acarretam a fragmentação do trabalho educativo gerando tal grau de dispersão, descontinuidade e heterogeneidade que se inviabilizou a eficácia do ensino reduzido agora, a um ritual esvaziado de conteúdo significativo.

Politicamente, acarretou a desmobilização dos alunos que, não mais organizados por turmas que permaneciam coesas durante o curso, ficaram com dificuldade de se constituírem em grupos de pressão capazes de reivindicar adequação do ensino aos objetivos do Curso bem como a consistência e relevância dos conteúdos transmitidos.

O questionamento da estrutura do ensino na Universidade implica no questionamento do conjunto da organização educacional e do próprio regime que a gerou.

Além das variáveis apontadas pelos autores, no que se relaciona a “crise” na educação, por certo encontraremos outros dados que indicarão novas diretrizes a serem tomadas no questionamento da “crise” na enfermagem.

A enfermagem, como membro razoavelmente jo-

vem do contexto institucional da Academia Universitária (a partir de 1968) terá certamente um preço a pagar por estes passos iniciais, que se evidenciaram também nas próprias especificidades sócio-culturais e científicas que a profissão acarreta.

Além disso sabemos por pesquisas realizadas (LOYOLA, 1987) que “a opção pela profissão é direcionada por algum interesse econômico, seja na melhoria salarial, seja na ascensão profissional, ou na aquisição de status a médio prazo”.

Vale ressaltar ainda que a Universidade é vivida como uma experiência um pouco traumática e frustrante. A influência dos professores, boa para alguns, é negativa para outros. Os professores, especificamente as enfermeiras professoras, são analisadas como extremamente repressoras, inseguras e com pouca experiência de assistência. A Universidade, em que o aprendizado fica aquém do esperado e onde o aluno se sente humilhado em algumas situações com vergonha de cumprir algumas tarefas pedidas durante o curso de graduação é vista com decepção (LOYOLA, 1987).

OBJETIVOS

O objetivo maior deste trabalho, é o de identificar as causas que levam à evasão do estudante do Curso de Enfermagem que mesmo após aprovação no Concurso do Vestibular, não conclui o Curso de Graduação. Sem dúvida que estes dados levantados estão também impregnados por outras questões que também envolvem o problema, como as causas que determinam a opção pela carreira bem como os chamados períodos de “crise” durante o Curso de Graduação, no sentido da conclusão do curso.

Neste sentido, poderíamos listar outros objetivos específicos da pesquisa:

- obter a avaliação do estudante a respeito do ciclo básico inclusive do grau de dificuldade para a aprendizagem;
- avaliar o impacto da Universidade no estuante recém-ingresso;
- identificar momentos de crise durante o curso de graduação;
- analisar o acontecimento de incidentes críticos extra-acadêmicos com a opção pelo abandono do Curso;
- analisar a relação entre contexto sócio-econômico e evasão;
- avaliar o nível de conhecimento sobre ensino superior de enfermagem no aluno de 2º grau;
- analisar o papel da Câmara de Orientação Acadêmica percebido pelo estudante;
- levantar as motivações mais comuns para a opção pela carreira.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem inicial baseada num método qualitativo de pesquisa cuja proposta não é a de levantar generalizações sobre a questão, mesmo porque entre o ensino público e o privado existem grandes diferenças e muitas variáveis, mas apenas expor algumas questões veladas e confusas tanto sobre a opção de carreira como sobre o ensino superior de Enfermagem sobretudo no que diz respeito às transformações ocorridas após o advento da Reforma Uni-

versitária. O que se pensa é que entender a **evasão** é também repensar um pouco estas questões.

Foi enviada carta convite para comparecimento à Escola Anna Nery em horário bastante flexível e amplo porque já contávamos que um estudante que larga um Curso de Graduação ou já está envolvido em algum outro curso ou trabalho ou terá pouca boa vontade em dispor do seu tempo para comparecer à Escola de Enfermagem.*

Após levantamentos iniciais de alunos que abandonaram o Curso de Graduação (anos 86, 87 e 88/I), passamos a contar com um Universo de 56 estudantes, que passou então a se constituir como grupo de evasão.

Do total de cartas convites encaminhadas a vinte e cinco estudantes compareceram e prestaram entrevista que foi gravada, durando em média aproximadamente 40 minutos cada, perfazendo um total aproximado de dezesseis horas de gravação, porque duas entrevistas foram apenas anotadas devido a problemas técnicos com o gravador. Este baixo comparecimento para a entrevista na realidade era parcialmente esperado, daí porque mesmo as pretensões iniciais deste relato são bastante nítidas e limitadas.

A transcrição das últimas sete entrevistas gravadas começou a indicar uma repetição no conteúdo dos depoimentos colhidos, o que já vem caracterizar o alcance da amostra dentro da proposta da pesquisa qualitativa. Os entrevistados receberam carta-convite, com prazo de quinze dias para comparecimento, no sentido de ler as transcrições e efetuar os acertos que se fizessem necessários. A carta explicitava que o não comparecimento dentro do prazo proposto implicaria automaticamente na concordância total com o conteúdo transcrito das fitas, as quais teriam então suas gravações inutilizadas. É importante ressaltar que nenhum dos entrevistados atendeu a esta solicitação no sentido de um novo encontro com os pesquisadores para tomar ciência da transcrição de sua entrevista.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

A evasão do curso de Enfermagem não significa o abandono da busca de uma formação de 3º grau na área da saúde. Este aluno jovem, de 20 a 30 anos retorna para cursar medicina, biologia, educação física etc., na maior parte.

Ao analisar as origens sociais e econômicas dos entrevistados, percebe-se que houve uma mobilidade educacional, aqui considerada com referência à diferença de nível educacional entre pais e filhos, estes últimos percorreram mais caminho que seus pais, o que certamente contribuirá para uma mobilidade social significativa.

LEVIN afirma que mesmo aqueles que se candidatam ao vestibular já pertencem a um grupo altamente selecionado em termos de origem familiar, no entanto o acesso a cursos de "maior prestígio" dependerá em grande parte da frequência a cursinhos, principalmente para aqueles oriundos da escola pública.

A forma confusa, pouco precisa da informação sobre o que é enfermagem demonstra que essa profis-

são continua sendo desconhecida.

"No 2º grau eu não sabia o que queria, ainda estava em dúvida, mas aí me falaram que minha mãe trabalhava... era Auxiliar de Enfermagem."

"... informação sobre enfermagem, para dizer a verdade nunca obtive".

A opção pela carreira passa muito mais pelo índice de procura menor, "opção trampolim" e um "teste" do que uma escolha consciente e desejada.

"Sempre pensei em medicina, aí usei a enfermagem como um degrau, para subir, para chegar a medicina".

Entre os fatores que determinam a opção pela carreira aparece também o teste vocacional, considerado pelas autoras como discutível, a possibilidade de inserção rápida no mercado de trabalho o que corresponde em parte a realidade e a influência de amigos e experiência vivida como acompanhante de paciente hospitalizado. Esta última não parece ser uma referência positiva na opção pela carreira uma vez que a comunidade percebe o papel a ser desempenhado pelo enfermeiro a partir do atendente que ainda representa aproximadamente 70% da força de trabalho na área da enfermagem.

As restrições da família quanto a escolha da profissão demonstram que a expectativa dos pais se prende a carreiras que proporcionarão maiores rendas a seus filhos e prestígio durante suas vidas. LEVIN diz que as oportunidades de acesso e de sucesso das pessoas na carreira estudantil parecem estar definitivamente ligadas às suas origens sociais e econômicas. Somente uma mudança na política educacional e econômica poderia oferecer uma condição mais igualitária.

Quando a enfermagem ser avaliada pela família como profissão sem autonomia, e subsidiária das atividades médicas, confirma a expectativa social a respeito do papel do enfermeiro (LOYOLA 1987).

Na família que reage negativamente a escolha da profissão de enfermagem por ser atividade de tempo integral, preferindo que a filha seja professora e trabalhe em meio expediente, identifica-se a ideologia dos papéis sociais femininos, no modo capitalista de produção, ideologia que reforça os papéis de esposa e mãe, apontado como um importante processo de legitimação, constituindo uma barreira em relação a níveis mais altos de participação da mulher na força de trabalho (PMFT)¹. Esta ideologia é particularmente importante porque reforça a natureza tradicional da educação feminina e contribui, por isso, para a manutenção de atitudes negativas contra a PMFT, para a estereotipagem do sexo, e para a discriminação contra o trabalho feminino no mercado de trabalho.

A Câmara de Orientação Acadêmica (COA) não é percebida pelo estudante como uma instância de orientação didático-pedagógica que pode auxiliar no desenvolvimento da vida acadêmica. Talvez por ser composta por docentes da Escola de Enfermagem com pouquíssima disponibilidade de horário para este tipo de atividade e que por pouca intimidade com esta instância de orientação, sempre priorizavam outras atividades em detrimento desta, a queixa dos alunos nos leva a pensar em uma orientação difícil de ser encontra-

* Além destes fatores, muitos endereços e telefones não eram mais verdadeiros e alguns estudantes haviam mudado de Estado.

¹ Participação da Mulher na Força de Trabalho.

da, tanto do ponto de vista do encontro com os docentes quanto no que diz respeito à resolutividade dos mesmos.

"Ninguém chega numa análise final... tudo assim muito vago, nada era certo."

Os alunos aprovados em um determinado ano de vestibular chegam a se constituir e a se sentir como um grupo específico, com inúmeras identificações, sobretudo de gênero e de classe social. Embora em regime de créditos o Curso de Enfermagem ainda conduz bastante o aluno de Graduação, de modo que existe a turma do Programa Curricular Interdepartamental (PCI-I), a do PCI II e assim até os PICs XIII (A, B e C), nitidamente reconhecidos. Esta realidade consegue driblar em parte a proposta de cisão das turmas contida na Reforma Universitária de 1968 (SAVIANI, 1986). Estas turmas no geral se relacionam bem com laços fortes entre si que são sentidos quando rompidos.

"Era legal, sinto muito a falta da minha turma".

Entretanto, a presença de um elemento divergente, que apresenta nível sócio-econômico muito superior ao da média da turma pode provocar conflitos sérios para este estudante:

"Péssima. Erd tudo pessoal revoltado, porque... tentava fazer Medicina, Odontologia, alguma coisa ligada à área da Saúde, mas nunca Enfermagem... e o pessoal ficava irritado, achava que eu também estava ali de gozação..."

O fato de ter nível sócio-econômico te prejudicava?

Exatamente."

Há discriminação com relação às turmas de enfermagem do ciclo básico e este parece ser um dos problemas que a Reforma Universitária não conseguiu superar.

"Nas aulas de Anatomia, entendeu? O pessoal de Enfermagem nunca precisava de muito porque era Enfermagem..."

Embora a ascensão sócio-econômica a curto prazo seja um dos guias para a opção da Enfermagem como carreira (LOYOLA, 1984), este aluno que abandona o Curso de um modo geral é mantido pela família e/ou exerce atividades remuneradas nos horários ditos "não comerciais" uma vez que o período de 7 às 17h é quase que completamente preenchido pelas atividades do Curso de Graduação.

"Saía de lá correndo, do CCS para o Banco.

O banco era onde?

Aqui na cidade, na Senador Dantas. Ai eu ficava lá até 18, 19 horas. Eu não agüentava. Que horas que eu ia estudar?"

No ciclo básico os alunos gostam das disciplinas oferecidas porém queixam-se da forma rápida ou "corrida" como são dadas. Expressam como muito positiva o uso de lâminas e microscópios mas consideram que havia pouco tempo para toda a matéria das disciplinas como Anatomia, Fisiologia e Histologia. Fazem restrições a Genética e Citologia, e aos livros que são recomendados pelos professores mas que não são efetivamente adotados. Estas afirmações nos remetem a duas categorias de análise. Primeiro que o "gostar" do primeiro grupo de disciplinas pode estar significando a maior facilidade para o estudante em aprender os conteúdos que podem ser assimilados através dos esquemas perceptivo (onde não consegue pensar além do que vê) e lógico-concreto (só pode re-

fletir a partir de dados concretos). Confirmaria-se também a avaliação positiva no uso de microscópios, lâminas e mesmo "peças" de anatomia. Já a compreensão de genética e citologia vai solicitar um esquema perceptivo de predomínio lógico-abstrato que já vimos não é de amplo domínio do alunado de enfermagem (ver LOYOLA & SAUTHIER, 1987).

Mais uma vez se constata que existe uma lacuna na formação didático-pedagógica do professor que ministra aula no ciclo básico, embora dominando o conteúdo, suas estratégias de ensino e critérios de avaliação ficavam muito aquém do esperado pelos discentes:

"... queria que a gente decorasse uma apostila... e ela avaliava em cima dessa apostila... quer dizer, ferrou a turma inteira."

"Eu acho que esse professor tinha problema... era uma pessoa muito inteligente... sabia a matéria só que ele não transmitia isso prá gente... como se fizesse uma palestra para uma turma que já soubesse do que ele estava falando".

O grau de dificuldade para cursar disciplinas do ciclo básico nos remete ao 2º grau que geralmente foi cursado em escolas públicas, sabidamente influenciando a performance do estudante de enfermagem. LEVIN diz que o pobre é relegado às escolas públicas enquanto o rico matricula seus filhos nas escolas particulares. Isto resulta numa diferença sistemática na qualidade da educação em favor das pessoas de origem social mais privilegiada e ainda mina o apoio político às escolas públicas. Os ricos não necessitam destas escolas, assim podem tolerar sua baixa qualidade.

"Acho que as disciplinas do básico de qualquer curso são difíceis porque você vem de um 2º grau que não é lá grande coisa, a maioria das pessoas não faz cursinho ou não frequentou colégio particular... acho difícil não só prá enfermagem como para qualquer outro curso."

Assim se expressou uma das alunas entrevistadas.

Pelo exposto, estamos diante de dois problemas, o do estudante que vem de um 2º grau deficitário e o do professor que utiliza critérios de planejamento de ensino inadequados. BORDENAVE diz que o professor deve combinar harmoniosamente as pressões (demandas da sociedade, recomendações dos especialistas, interesse dos alunos) para que seu planejamento inclua os aspectos psicológicos, sociológicos, culturais e tecnológicos da educação e enfatiza que "os objetivos educacionais deveriam nutrir-se substantivamente das informações obtidas do próprio sujeito da educação, que é o aluno."

O relacionamento com os professores do ciclo básico considerado como "instável e variando com o professor" nos leva a questionar se o professor conhece seus alunos e se saberia explicar porque alguns são bons alunos e outros não.

BORDENAVE diz que o professor tende, em geral, a considerar o "corpo discente" como uma massa homogênea e indiferenciada. Apenas três tipos de estudantes escapam desse anonimato: o estudante brilhante, o estudante badalador e o encenqueiro.

A nossa prática docente nos permite afirmar que a massificação do ensino, com sessenta estudantes em sala de aula, só permite mesmo que o professor conheça os dez alunos mais brilhantes e os dez menos, os

demais se perdem no espaço que é informalmente chamado de “Triângulo das Bermudas”.

Como a dinâmica interna de cada aluno é diferente e também cada professor é um ser humano com crenças e emoções diversas não existe uma receita pronta para oferecer. Concordamos com McKEACHIE citado por BORDENAVE “*na medida em que o professor faz questão de conhecer cada vez mais as diferenças entre seus alunos mais motivado ele ficará para variar e experimentar novos métodos*”, dessa forma o professor alternaria seus métodos observando sempre que tipo de aluno aprende melhor com que tipo de método. O professor passaria a concentrar-se mais nos alunos como pessoas totais do que na matéria a ensinar. Isto só será alcançado por aquele professor que percebe seus alunos como pessoas que vivem em uma sociedade específica, em um dado momento, e não simplesmente como unidades de um “corpo discente”.

Quase meia década depois, ainda confirma-se na UFRJ os estudos feitos por LOYOLA em 1984: a participação do estudante na Vida Universitária é pequena. Falta de tempo, timidez, dificuldade de acesso ao campus.

“Você não tinha vontade de participar (da vida universitária?)

Não (ênfase)... sei lá, me faltava tempo.”

O aluno gosta de entrar em contato com a comunidade através dos PCIs (Programa Curricular Interdepartamental) I, II e III, que proporcionam inúmeras atividades em grupo e a queixa que se apresenta tem duas faces. De um lado a baixa resolutividade em cima dos problemas de saúde levantados na clientela, sobretudo a questão da **referência** e da **contra-referência** e das condições materiais de existência, que mobilizam muito o limiar de frustração dos estudantes e para completar uma Instituição (de Enfermagem) com organização rígida e arcaica.

“Pois é, tem que levantar, falar que a criança tem que fazer isso, aquilo, mas nunca pode porque tem que escovar os dentes e não tem nem pasta de dentes...”

“Exigências que as outras Escolas não têm mais.

Exigências tipo...

Horário, roupa, sapato...”

Uma parcela significativa dos alunos não encontra dificuldade em cursar os PCIs embora informem pouco estudar. Para os que vivenciam dificuldades há sempre a apresentação de trabalhos que “salvam” o estudante da reprovação.

“Só consegui passar porque foi apresentação de trabalho... Foi o que me salvou, porque na prova não conseguia parar para ler...”

Contraditoriamente ao que se poderia esperar após críticas quanto à rigidez disciplinar da instituição, quase 1/3 dos estudantes avalia como **boa** a relação com os professores e a maior queixa é a baixa relação numérica professor/aluno. Vale ressaltar que a relação professor/aluno nesta fase do Curso é de 1:10 e que significa uma relação **média** nos Cursos de Ensino Superior Público no país. Mesmo assim o estudante ainda se sente inseguro e gostaria de ter uma maior atenção do professor somente para si.

A percepção da imagem do enfermeiro se altera para uma visão mais nítida e ampliada do profissional, sobretudo da autonomia do Enfermeiro de Saúde Pública.

É difícil perceber se existem porém motivos para o abandono do curso ou se a opção pela carreira é muito frágil. As razões apontadas para caracterizar o momento crítico de trancamento da matrícula são pulverizadas e vão desde problemas de saúde e carga horária semanal excessiva até questões de ordem financeira, família, rigidez disciplinar da instituição e pouca autonomia da enfermeira no cenário hospitalar. É bem verdade que cada um desses motivos é digno de atenção, entretanto a pulverização das respostas nos leva a pensar que a opção por ser Enfermeira não encontra “ganchos” suficientemente fortes tanto no espaço familiar quanto no espaço social de cada aluno, de modo que à primeira crise vivenciada a opção por abandonar o curso é prontamente utilizada.

“Da primeira vez eu tranquei porque meus pais viajaram...”

As funções da Câmara de Orientação Acadêmica são claras (Regimento Interno da Câmara de Orientação Acadêmica da Escola Anna Nery/UFRJ): recuperar o aspecto humanístico no ensino, valorizando o primeiro contato do aluno com a estrutura universitária, orientando sobre a estrutura da Universidade da Escola e do currículo; discutir com o estudante a desmotivação levando ao baixo rendimento, técnicas de estudo, recursos bibliográficos e encaminhamentos. Entretanto, para a maioria dos estudantes que responderam a esta questão a COA não é um órgão que possa apoiá-lo neste momento crítico por 3 dificuldades básicas: não consegue lembrar-se dela, entendê-la e contactá-la.

“Você procurou?”

Não, porque não ia ter jeito mesmo...”

“Não sei, não tinha ninguém lá...”

Talvez seja oportuno questionar se o abandono do Curso de Enfermagem é realmente um momento crítico ou uma solução na vida deste estudante de opção tão frágil. Parece que a questão é duramente crítica para o corpo docente ainda com uma visão idealista da profissão e que vê minguar dia-a-dia os candidatos à carreira.

As razões para não retornar ao Curso são as mesmas apontadas para o abandono. Percebe-se nas famílias dos estudantes uma vontade maior do retorno à UFRJ do que à futura profissão de Enfermeiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, a evasão do curso de Enfermagem não significa o abandono da busca de uma formação de 3º grau na área da saúde. A Enfermagem continua sendo pouco divulgada no 2º grau e percebida como um trampolim para o acesso a carreira com “maior prestígio”. A família avalia a Enfermagem como profissão sem autonomia e subsidiária das atividades médicas.

A evasão coincide com uma situação de crise na vida do estudante, no entanto o abandonar o curso não se constitui em problema e sim, muitas vezes, em solução.

O momento do trancamento acontece nos três primeiros períodos de vida acadêmica e a Câmara de Orientação Acadêmica não consegue atingir seus objetivos junto a esse grupo de evasão. Não há uma definição explícita entre contexto sócio-econômico e evasão, embora uma grande parte tenha abandonado o

curso para trabalhar. Questiona-se, se o que houve foi a necessidade de aumentar a renda familiar ou a fragilidade na opção pela carreira?

O impacto da Universidade se expressa mais no ganho de status por ter sido aprovado para a UFRJ do que na opção por enfermagem.

Na avaliação do ciclo básico dois fatores são apontados: dificuldades do aluno egresso de uma escola de 2º grau pública e deficientes e dificuldades didático-pedagógicas de um corpo docente que se concentra no conteúdo das disciplinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Instituição e Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- 2 ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de. *O saber da enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo, Cortez, 1986.
- 3 ANAIS do Seminário "Prática de Enfermagem e o Currículo de Graduação". Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1985.
- 4 BAPTISTA, Suely de S. *O Avesso da Convivência – o Estudante no Ciclo Básico da UFRJ*. Tese de Docência Livre, UERJ, 1989 (cópia xerográfica).
- 5 BORDENAVE, Juan Díaz e PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*. RJ, Vozes, 1986.
- 6 FERREIRA-SANTOS, Célia Almeida. *A Enfermagem como profissão: estudo num hospital-escola*. São Paulo, Pioneira, Ed. da Universidade São Paulo, 1973.
- 7 GOFFMAN, Irving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- 8 LEVIN, M. L. e outros. *Educação e Desigualdade no Brasil*. RJ, Vozes, 1984.
- 9 LOYOLA, Cristina Maria Douat. *Os doces corpos do hospital – as enfermeiras e o poder institucional na estrutura hospitalar*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2a. ed., 1987.
- 10 MELO, Cristina Maria Meira de. *Divisão social do trabalho e enfermagem*. São Paulo, Cortez, 1986.
- 11 MIRANDA, Cristina Mária Loyola e SAUTHIER, Jussara. *O ensino de enfermagem e os campos de prática*. Anais do Encontro Regional sobre Ensino Superior de Enfermagem da Região Sudeste. Universidade de São Paulo, 1987.
- 12 NAKAMAE, Djair Daniel. *Bases para o encarninhamento da questão do ensino de enfermagem*. Universidade de São Paulo, 1986.
- 13 NUNES, E. O (Org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 14 SAVIANI, Berneval. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo, Cortez, Autores associados, 1986.
- 15 SILVA, Graciete Borges da. *A enfermagem profissional: análise crítica*. São Paulo, Cortez, 1986.

ANEXO – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY / UFRJ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Profissão:

Pai:

Marido:

Nº de filhos:

Renda familiar:

Endereço:

Mãe:

Idade:

Est. Civil:

Naturalidade:

Casa própria:

Telefone:

1º Grau (em Escola particular / pública)

2º Grau (em Escola particular / pública)

2) OPÇÃO PELA ENFERMAGEM

- Como obteve a primeira informação sobre Enfermagem?
- A Enfermagem foi sua primeira opção?
- Alguém da família trabalha em Enfermagem?
- Por que sua escolha inicial incidiu na Enfermagem?
- Como você via o profissional Enfermeiro no 2º grau?
- Já teve experiência de hospital? Qual?
- Como sua família reagiu frente à opção por Enfermagem?
- Pretendia trabalhar em hospital ou comunidade?
- Você sabe quanto ganha um enfermeiro?

3) EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO CICLO PRÉ-PROFISSIONAL, BÁSICO:

- Como você percebeu o trabalho da Câmara de Orientação Acadêmica?
- Experiências com outros estudantes.
- Trabalhava à noite / dia?
- Qual atividade?
- Como se sustentava?
- Avaliação do conteúdo teórico das disciplinas do básico.
- Avaliação das estratégias de ensino/aprendizagem.
- Grau de dificuldade para acompanhamento.
- Acervo da biblioteca
- Adquiriu livros técnicos?
- Relacionamento com professores do básico da EEAN.
- Como você julgava os critérios de avaliação?
- O que você diz da vida universitária fora da EEAN (festa, gincanas, encontros, semana de debates científicos, transporte)?

4) EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NOS PCIs

- Avaliação dos PCIs cursados
- Grau de dificuldade
- Avaliação no PCI (obj./subj.)
- Relação com os professores
- Mudança ou não quanto a imagem do enfermeiro

5) TRANCAMENTO

- Coincidência com incidente crítico
- Procurou a COA durante o curso?
- Motivo principal do trancamento (profissionais, vocacionais, familiares, sociais, afetivos, etc.)
- Pensa em voltar?
- Reações dos familiares frente ao trancamento (motivo da reação)
- Está fazendo algum curso no momento? Qual? Está satisfeito?